

- Disposições Teológicas para o Diálogo Inter religioso Construtivo –
intervenção de P.e Vasco Pinto de Magalhães
7 de Dezembro 2007
Coimbra, Casa Municipal da Cultura

Sessão organizada pelo grupo do Graal de Coimbra, integrada no programa de comemoração dos 50 anos do Graal em Portugal

P.e Vasco destaca a actualidade de tudo o que a Isabel Allegro mostrou, na sua intervenção,
agradece o convite,
está contente por isso,
felicitava o Graal pela organização, pela festa jubilar
recorda aqui o que aprendeu em celebração ecuménica na Figueira da Foz nos inícios, de que tem muito boa memória, uma memória agradecida.

Comenta o título “pomposo que me foi dado”, para a sua reflexão!
Título ... repete-o; ... “está tudo dito”!

Passa-se a transcrever:

“....

Seis tópicos, apontados, e um 7º, de resumo de tudo isto, se houver tempo, mais escrito.

A ideia é esta, de facto o diálogo inter religioso foi sempre uma preocupação de todos nós e do Graal, e espero que continue a ser, porque tem absolutamente toda a actualidade; não estamos aqui a fazer nada do passado, mas antes pelo contrário, o diálogo israelo- palestiniiano, segue ... e continua esse acrescentado de muitos outros diálogos, inter religiosos, inter políticos e inter culturais que não podemos passar de lado.

Por isso ... tentar ... alguns caminhos de diálogo e também alguns caminhos de religiosidade e encontrar o diálogo e a religiosidade ... como que duas dimensões que continuamente se entrecrocaram, porque uma religiosidade não dialogante não sei o que seja, um diálogo sem algo de religioso também me parece artificial.

Alguns caminhos de diálogo ... diálogo, antes de ser inter cultural e inter religioso, ... é interno, de cada um de nós próprios, às vezes o mal é não sabermos dialogar connosco próprios, temos às vezes várias religiões cá dentro e nem sempre estão muito de acordo umas com as outras, a questão é que de facto pensamos logo nos outros, no outro, no distante, e não penso que a grande escola de aprendizagem começa aqui, no dialogar comigo próprio, ou se calhar no diálogo interno, dentro daquilo que dizemos que é a mesma religião.

Porque de facto a questão do diálogo nunca é uma questão de opinião, não é uma questão de ideias é uma questão de afectos, esse é um pressuposto de tudo.

Podemos dizer que temos a mesma religião, o que é sempre uma afirmação atrevida, mesmo dentro do mesmo credo, mas isso não impede que haja uma grande necessidade de discutir e dialogar ao mesmo tempo porque o que nos pode aproximar ou separar não são as ideias mas os afectos, e é aí que as coisas se esclarecem mas também se complicam.

Enfim, portanto, devia aparecer ali uma espécie de cabeçalho desta realidade, o mundo verdadeiramente é dos afectos e temos a imensa tentação de pensar que os resolveríamos através das ideias e das opiniões ...

O 1º ponto que aqui anoto nestes meus caminhos de diálogo é por isso a urgência e a necessidade contínua de nos situarmos e re-situarmos. Por isso a 1ª palavra-chave é situar-se, não consigo, situar-se no mundo, situarmo-nos continuamente, situar-se no real, uma coisa de que fugimos com facilidade para teorias, opções, partidos, enfim, mas é inevitável viver num mundo plural, cada vez mais; é uma banalidade, o que não é banalidade é dizer que é inevitável, pois às vezes gostaríamos de evitar, como é inevitável a globalização, embora possamos estar bastante distanciados uns dos outros quanto ao tipo de globalização e ao modo de a viver, mas temos que nos situar naquela que é, não de um modo estático, mas na que realmente existe, pois se a queremos transformar é preciso situarmo-nos nela. Então é essa realidade, coabitarmos num mundo plural significa coabitar, com todo o peso da palavra, com a diferença; que a globalização, qualquer que ela seja ou para onde quer que evolua, nos exige. Coabitar no plural é também um exercício de auto consciência de todos os *inputs* e *outputs* que daqui saem porque vivemos num mundo onde ou desenvolvemos correctos *feedbacks* ou então criamos mónadas isoladas, contradizemos por dentro o que por fora desejamos. Tomar consciência também por isso, ou situar nos meus medos, nos meus desejos, nos meus truques, porque estamos sempre à procura de chegar onde queremos chegar e às vezes não sabemos onde queremos chegar.

Assim, neste situar-se, tocaria 3 notas importantes: esta 1ª que já disse, coabitar com a diferença, e a 2ª, uma exigência também de toda a possibilidade de diálogo, que é ir ao encontro de uma ética, cada vez mais comum e universal e a questão da ética antes da questão da religião.

Ao pensar nisto ... lembrei-me de ..., costela jesuítica a funcionar, ... de um dos últimos textos programáticos sobre a questão da inter religiosidade, como urgência e prioridade dos jesuítas no mundo, um texto de 95, um texto programático da congregação geral dos jesuítas de 1994, ... onde se dizia, somos hoje convidados a desenvolver uma ética que possa vir a ser partilhada por todas as religiões para ajudar e responder aos problemas mundiais, unindo esforços para a fazer a paz, a maior justiça e o maior cuidado com a criação. Estas são três vertentes de uma ética prévia a toda a discussão religiosa e teológica. Encontrar tal ética pode parecer utópico mas sem ela não temos ponto de partida. Então, situar-se nesta exigência como possibilidade de diálogo ... e, atenção, que ao falar de ética estou a falar das exigências do cuidar da criação, da paz a fazer, da justiça globalizada.

Dito isto, há um outro ponto da nossa situação ou re-situação no mundo – consideramo-nos hoje em estado de crise ou em estado de oportunidade?

Dizem os que sabem que o carater chinês que diz crise são dois, um que diz perigo outro oportunidade, é assim que se define a palavra crise Exactamente, enquanto não nos virmos numa situação de oportunidade o nosso afecto mais facilmente escorrega para a lamentação do que para o impulso de esperança, e podemos ter grandes conversas mas subjacentemente um afecto negativo ou impeditivo de avançar e então isso nos põe realmente não na busca do futuro mas no tentar justificar o desencanto. Tantas vezes a nossa sociedade, mais ou menos pós moderna, foi também chamada sociedade da desistência ou do desencanto. Então, situar-me no desencanto ou no desafio do futuro?

Um 2º ponto das minhas palavras tem a ver com a clarificação, à boa maneira tradicional e filosófica; há que clarificar os termos antes de os usar e queria clarificar aqui alguns termos que são importantes neste debate da inter religiosidade, não são meras questões de linguagem, ainda que sim, evidentemente, tem a ver com a linguagem, com comunicação, todos sabemos, inter religioso é fundamentalmente inter comunicativo.

A 1ª palavra a clarificar é mesmo a própria palavra religião. Aqui há uns anos (2003), num debate inter religiões, estavam cristãos, de vários âmbitos, estavam muçulmanos e judeus, a certa altura tive um *qui pro quo*, um desentendimento com um muçulmano, Sr. Abdul, convertido ao islamismo, de origem espanhola, podia falar com ele numa língua em que nos entendíamos .., a discussão azedou-se, foi quente, e o judeu veio em minha defesa com grande ânimo, ... a certa altura ele disse “mas religião não vem de religar ... vem de reler” ... e faz toda a diferença: a nossa *religio* é de *religare* ou a nossa religião é de *relegere*? Para mim, era claro que era de *religare*, de ligação, transferência, comunicação, mas para ele era afincadamente de *relegere*. Ser religioso é reler o texto até à exaustão, até que ele entre na pele, ler e reler o texto, por isso o texto não se torna fonte de vida, torna-se texto sacralizado, não é sacro porque é vital mas sim em si próprio, na letra Estão a ver o que isto nos distancia, como põe um ponto de partida de difícil ultrapassar, e não foi possível ultrapassar, parecia uma questão de linguagem; durante 1 quarto de hora usámos a mesma palavra, mas ele estava a falar de reler e eu de religar-se, religar-se ao outro, que é sempre uma experiência de transcendência, quanto mais ao outro outro. Enquanto ele se relia no seu próprio texto até o fazer carne da sua carne.

Isto tem consequências muito fortes, desde logo, a releitura é importante, tem a ver com a teologia. A teologia é continuamente uma releitura, mas a teologia é reler o texto à luz do contexto, portanto à luz da vida, ou reler a vida à luz do texto, nunca o texto pelo texto.

E por isso há aqui uma questão muito séria quando estamos nestas discussões: onde está o défice teológico para poder haver diálogo?

Bem ... O cristianismo puxa pela leitura do texto cada vez mais à luz da vida e é a vida que me vai permitir depois ler de novo o texto com outros olhos.

Não quero insistir muito mais nisto porque a outra grande questão subjacente na clarificação dos termos é precisamente a ideia de religiosidade fechada, interiorizada, em última análise 1 espécie de autismo, que vai de facto ao fundo de si pp, que encontra um sagrado tão sacralizado que é um absoluto inquestionável, ou pode ir à fonte, a obrigar-me a sair de mim, e a teologia leva-me a entrar em mim e a sair de mim, mas se há uma prevalência no entrar em mim esta religiosidade pode estar enviesada e então o próprio termo teologia ganha toda a ambiguidade.

Há outro termo que seria importante clarificar é o que entendemos por futuro, por utopia, ou por desejo, porque muitos de nós nas nossas utopias mais ou menos conscientes, mais ou menos clarificadas na escatologia, um termo comum, utopias todos temos ... mas vezes há umas que são pré Babel outras são pós Pentecostes ...; o que quero dizer com isto? Que para muitas pessoas, teologicamente, o que funciona é o paraíso antes da confusão das línguas, antes da inter religiosidade, antes do conflito, o sonho de que o que era bom era quando os animais falavam, então é que nos entendíamos todos, do paraíso perdido, e há quem ande a tentar recuperar o paraíso perdido, mas também há os que percebem que o paraíso é o pós Babel que vem no Pentecostes, que virá, que está sempre a vir, ... porque

Babel e Pentecostes se contrapõem, e não estão ali, mas são eles que põem o antes e o depois, da diferença entre unidade e uniformidade. A uniformidade era o desejo anterior, era só ficção de para onde queremos ir, enquanto a unidade é o trabalho das diferenças, e com as diferenças, e na superação das diferenças em ordem a um Pentecostes onde, finalmente, viveremos a inter religiosidade.

Então, estes três termos queria-os clarificar: religião, exercício teológico e utopia desejada.

Mantendo-me ainda mais a reflectir convosco sobre o diálogo, para depois passar ao religioso - são os dois pratos da balança - conhecemos todos da nossa própria experiência, que o diálogo é sempre uma realidade exigente, e eu, sem querer esgotar, aponte aqui 4 princípios operativos do diálogo para, depois, também, anotar 4 princípios operativos da vivência religiosa, da religiosidade.

Os 4 princípios operativos do diálogo

(são óbvios, mas para uma aparência de conferência pomposa! ...)

Um princípio operativo do diálogo é esta certeza, esta convicção, a convicção sobre as próprias convicções – esta certeza interior de que quanto mais fundas, e profundas forem as nossas convicções, melhor é o diálogo; há quem diga o contrário, não afirme, mas sinta e pense pelo contrário, que seria mais fácil dialogar e estar com os outros se as minhas convicções não fossem profundas; ser profundas não quer dizer que sejam fanatizadas, significa que são críticas, que se auto-conhecem, percebem os seus limites e as suas grandezas, que sabem as suas portas de liberdade e as suas portas de cadeamento, e por isso é um grande engano pensar nos entendimentos de superficialidade, e há muitos entendimentos enganadores, rápidos, que no fundo vão morrer na próxima esquina, são feitos de cuspo, de cola, de fita cola, que não aguentam o Inverno, portanto é verdade que um princípio operativo do diálogo é isso ... o arreigar crítico das nossas convicções, e quanto mais profundas forem mais capazes somos do diálogo, a não ser que essas convicções adoeçam, ou já sejam doentes ... uma coisa são convicções doentes, que há muitas, então já não são convicções, são disfarces da teimosia original.

O 2º tópico, como princípio operativo do nosso diálogo, é ...esta coisa que todos nós sabemos, que fomos de facto muito pouco educados para o diálogo mas muito instruídos, ..., não fomos educados para o diálogo mas fomos instruídos para a discussão, e somos instruídos, de muitos modos, se faz essa instrução, dizemos essa ideia que instruir é encher, meter palha, *instruccio* é isso, temos um mundo muito instruído e pouco educado. ... e somos muito instruídos, ... na discussão, desde pequeninos, aprendemos a discutir... a fincar o pé, a levar a nossa avante, a ter que ganhar, e tantas vezes na nossa cabeça falamos de diálogo mas estamos a querer discutir, e isto é vou-te mostrar que não tens razão, enquanto que ..., sabemos muito bem, de toda a nossa experiência, ... que dialogar é vou a procura da tua parte de verdade para ver se com a minha chegamos a algum lado.

A escola não ensina a dialogar, ou ensina a engolir, a deixar-se instruir, ou a querer instruir o outro, quando o segredo do diálogo é realmente esta atitude de despojamento pessoal em que eu diga vou à procura do teu lado do saber para com o meu saber ver se vamos os dois a qualquer coisa que nos ultrapassa.

Claro, não estou a falar de discorrer no sentido clássico da filosofia ... da discussão nasce a luz; aí o filósofo não estava a falar de discussão mas de discorrer, ... é diferente; sim, de discorrer pode vir alguma luz mas da discussão não.

3º princípio operativo é o engano generalizado, e apoiado de muitos modos, sobre os sincretismos, estes estão na moda, são aplaudidos e tolerados, com o nome extremamente ambíguo que é tolerância, que na maior parte das cabeças é permissividade e não a capacidade de dialogar com as próprias convicções e perceber os limites, não quis entrar por aí na clarificação dos conceitos pois é um que nos traz imensos problemas ... é o conceito de tolerância, donde surgem imensas confusões. A tolerância realmente é essa coisa tão bonita de conhecer os limites, poder ter a elasticidade e a flexibilidade para interiorizar e dar, outra coisa é este suporte mais ou menos *pan* qualquer coisa, *pan* tudo, *pan* sincrético, mas que está totalmente na moda, que nos entrou pela *new age* com toda a força...mas que já estava na nossa cultura, que abre a porta a dizer que temos é que ser muito abertos, que até não vale a pena ter convicções, tudo mais ou menos vai bater certo, todos temos direito a estar no bom caminho, que para além dos deveres estão sobretudo os direitos individuais de cada um, e cada um pode afirmar o que quiser, cada um cozinha a sua religiosidade como bem entender, pescando aqui pescando acolá, por isso vamos à Índia pescar um bocadinho daqui que não entendemos o que era e o que significava ali mas serviu, e temos então supermercados de culturas, de religiões, ... onde vamos buscar não o que está mas o que me parece porque me convém, porque se fosse o que lá está no seu contexto na sua verdadeira teologia se calhar era outra coisa, porque se calhar passo pela Índia a fazer muitas experiências sem perceber realmente o hinduísmo mas pescando algumas coisas engraçadas daquelas comunidades, que me dão jeito, e depois se pensasse bem ia aos nossos livros e via que já estavam no cristianismo, como acontece com quase todas as formas de oração oriental, já estava no cristianismo medieval ... mas, como também não me conheço, não conheço o outro, faço uma sopa de meio eu meio outro mas que nada tem a ver com o diálogo. Isto é um impedimento grande, um engano dos sincretismo nesta forma self-service de mercado de culturas à disposição do cliente, mercado de religiões barato ... que depois geram o engano generalizado que depois ... o segundo passo é uma crise de identidade, e eu sem identidade não dialogo, é a questão das convicções de que falava há bocadinho.

Um 4º tópico de princípios operativos do diálogo é a convicção que tenho de que não se encontra a unidade pela força, pelo poder, nem por decreto, mas como fruto de conversão pessoal. Não posso partir para o diálogo se não tenho um desejo íntimo e profundo de conversão pessoal, de me deixar de reboque, eu próprio querer ir mais longe, ... e isso tem sido uma das dificuldades no diálogo inter religioso, porque o sonho ecuménico transformou-se muitas vezes e foi substituído e confundido pela globalização imediata, e não é bem o mesmo, ... a globalização que nos acontece ... não é bem o sonho ecuménico que está na origem de todo o humanismo.

Um outro engano que está na história da conversão pessoal é, em vez disto ser a nossa questão, passarmos a questão para a responsabilidade de outros. Então quer o ecumenismo quer a globalização são feitos por especialistas, por técnicos, inteligentes, ... não por exigência do povo, então depois os senhores, nossos deputados, que nos tratam disso, e depois querem que vistamos essa camisa, que

não nos serve, como é óbvio, mas é uma grande tentação ... são problemas, como hoje se diz, muito complicados e como tal há-de haver alguém que trate deles, em instâncias habilitadíssimas, mas que não tem nada a ver com quem vive nem com a vivência do homem comum, e depois, quando nos chegam não nos chegam como inspiração vivencial chegam como??? ou como exigência de poder. E então realmente são capacetes difíceis que geram, que têm depois muitas reacções muito complicadas e vemos pessoas que têm reacções aparentemente exageradas e inesperadas porque, ao sentirem-se pressionadas, passam para o extremo, ... Há hoje muitos extremismos provenientes de abusos de poder, abusos de tecnicismo, de economicismo, abusos de muitos ismos que o que fazem é reacções de defesa, de mecanismos de não adesão, que depois vão à procura de justificações racionais para esse mundo afectivo magoado, magoado porque isto que é tão importante vem posto por exigência, Mas foram os técnicos que decidiram assim, ... mas o endeusamento dos técnicos tem muito pouco de sagrado, como o dos políticos também tem pouco de sagrado, o não quer dizer que não tenham o seu lugar, absoluto, mas seu, no seu espaço, mas ... prescindirmos da nossa responsabilidade nesta trajectória do diálogo por alguém que decida isso e depois mo imponha é ... já vi ???

Passando para outros 4 princípios ou linhas de pensamento, não quero generalizar isto ... é um bocadinho a falar como eu vejo as coisas, muito um modo pessoal.

O viver inter religioso Porque se não se vive senão em diálogo, que é isso que é ser humano, ser de diálogo, também não se é religioso se não se é inter religioso. Hoje não há religiosidade que não seja inter religiosidade, faz parte do situar-se da condição humana, inter religiosidade mesmo dentro da mesma religião, o que não significa cada cabeça sua sentença, significa uma exigência continuada de diálogo, de acerto, de ir mais além, e de correcção de blocos que nos estreitam e nos impõem ou uniformismos, que não pretendemos, ou metas a que não chegámos, impostas por decreto.

Mas a religiosidade do hoje e do amanhã é sempre uma inter religiosidade.

Então, um 1º princípio é que o diálogo, ou o confronto, ou o debate, das religiosidades nunca pode ser genérico, que é a grande tentação; não sou eu e os outros, como se os outros fossem uma massa, as outras religiões, não é, todo o diálogo é personalizado, eu não falo com o povo, com as pessoas, falo com o Manuel, ... , com o Francisco, isto parece uma banalidade mas às vezes é esquecido, mesmo no escrito, ... o diálogo inter religioso com o judaísmo tem muitas frentes, o diálogo inter religioso com o Islão, muitíssimas frentes, não pode ser genérico, o diálogo inter religioso nas igrejas cristãs tem muitíssimas frentes, mas ... nós generalizamos, ... protestantes, muçulmanos, judeus, ... há 4 problemas a resolver.

O 2º princípio da vivência inter religiosa é ter encontrado um sinal de que estamos a caminhar na verdade, esse sinal é o sinal de sempre, quem conhece a árvore pelos frutos, é a paz, e por isso estava lá que a busca da paz é um pre-princípio anterior ao diálogo religioso, e o sinal de inter religiosidade é a capacidade de coabitar em paz. Se não estou em paz posso ter a certeza q não estou no caminho da verdade, claro que a paz é um termo perigoso ... cada um entende a paz à sua maneira, o que é a paz? é o bem-estar, são as tréguas, é a *pax romana* primitiva, é o irenismo grego? ou é o *shalom*? o *shalom* tem a ver com a justiça, que todos possam ter os

bens a que têm direito, é o que significa *shalom*; mas falemos da paz, temos de entender o mesmo. Mas qual é a paz que é sinal de estarmos no caminho da verdade?

A paz é pois uma luta pela justiça, todos os bens na sua distribuição correcta e progressiva, no respeito dos grupos e das individualidades, a paz é essa luta que não se compadece, luta de inteligência, de amor inteligente, uma das maiores questões do mundo é que passamos a vida a falar de amor quando devíamos falar de amor inteligente; até porque amor que não é inteligente não é amor. Aí nos espetamos de novo com os afectos. Mas, sobretudo, também aqui, nesta luta pela paz, tinham de ser denunciados os pacifismos fáceis, ... os grandes lutadores pela paz não tinham pacifismos que a gente as vezes advoga sob a capa da tolerância, lembrem-se de um Luther King, de Gandhi, verdadeiros lutadores da paz.

Um 4º princípio da vivência inter religiosa é que ela deve ser compreendida de forma escalonada, ainda q não escalonada cronologicamente, quer dizer que só se chega ao último termo que é o intercâmbio teológico, seria o grau máximo do diálogo inter religioso, sermos capazes de abertamente intercambiar o discurso teológico, mas para chegar ao discurso do intercâmbio teológico ... teríamos de começar pelo diálogo da vida, passar ao diálogo das obras, do das obras ao diálogo da experiência religiosa, do diálogo da experiência religiosa ao do intercâmbio teológico; estes passos não têm que ter esta gradualidade cronológica, podemos começar por todos os lados ao mesmo tempo, mas os últimos, que é por onde tentamos começar, queimam duas etapas fundamentais que, se não estão assimiladas, não há diálogo que valha. Se não sou capaz da boa vizinhança, do diálogo da vida, já não digo da rua, mas no do andar de cima, a fazer barulho, se não tenho o diálogo da vida, se a escola não me educa ao diálogo das diferenças, que nem sequer são rácicas, se calhar é Porto-Lisboa, conscientes das diferenças da dificuldade que isso tem ...o nosso diálogo da vida, a capacidade de viver em boa vizinhança daria o diálogo interpessoal, que permite passar ao inter cultural e só depois virá o religioso ... mas queimar o diálogo pessoal e cultural, ... a nossa tentação de pressa é queimar estes 2 que são muito difíceis, parece-me não serem inúteis ... precisamos é de resolver este problema.

Não há tanta gente a dizer que o pior mal do mundo são as religiões, que se não houvesse as religiões é que éramos felizes?!

... moda que nos fazem toda a apologia do ateísmo como fonte da paz, Por todo o lado, ...

Mas, se percebermos a génese das coisas, vemos que temos de ir ao diálogo da vida para depois passar ao das obras ... se não somos capazes de estar envolvidos na mesma actividade, com as diferenças culturais, filosóficas, políticas e religiosas

O Ecumenismo tomou isso muito a sério, a certa altura, com o movimento ecuménico, com tantos azares e tomares, tantos ..., mas a certa altura tomou isso, sobretudo na conversa com o mundo dito protestante, que ao menos fossemos capazes de estar envolvidos na mesma actividade, nas mesmas acções pela justiça ... não é para iludir, para fazer de conta, já que não somos capazes de intercambiar teologicamente então ao menos vamos ..., não, não é para isso, não é para iludir o problema, é para poder chegar ao problema, para desfazer dos maus afectos, ... para destronar estes muros difíceis ...tão arreigados no nosso coração, que é difícil falar, e admitir que o outro tenha caminho, tenha lugar, possa estar situado; se o outro não estiver situado eu também não estou. Isto é que é verdade, isto é que é a verdadeira globalização, o resto são formas de poder enganadoras.

Esta era a minha pequena reflexão sobre ser religioso é ser inter religioso.

O meu 5º ponto, na minha folhinha, diz que toda esta realidade é perigosa porque oscilamos entre a tentação entre o colonialismo religioso e o laicismo. E este é tema de enorme actualidade, quanto mais se esforça o poder por impor um laicismo maior são as tentações do colonialismo religioso que já nem é clericalismo, é apenas um aspecto pontual de algumas coisas; é a recuperação de velhas ideias, de que alguns têm a verdade na mão e por isso a podem impor a outros, mas isso é a mesma lógica do laicismo, o laicismo é o grande engano da laicidade, que em Portugal vivemos com toda a força e com muitos sub-produtos perigosíssimos, porque quer um quer outro, porque são formas de poder, geram violência, são violência que gera violência, e nenhum de nós está isento disto, quer batendo pela porta de sermos donos da verdade que pode impor aos outros, e usei a palavra colonialismo porque muitas vezes a missão primitiva foi colonizadora, não sempre, ainda há dias celebrámos S. Francisco Xavier, o expoente da interculturalidade no Japão, contra tudo e contra todos, contra o resto da igreja toda, ... mas era muito bom, e foi difícil e acabou mal; acabou mal por causa disto tudo, foi mandado embora para poder haver uma força colonizadora, da mesma igreja, da mesma religião, que não dialogava, que não se entendia.

Havia que fazer uma reflexão inter cultural sobre estas coisas, porque a violência mascara, de modo muito perigoso, porque parece uma saída, até parece ser a última, imediatamente resolve, pela lei da força, quem se impõe ganha, tem o poder, ou tem a tropa, o tribunal, por sua conta e impõe, ou tinha a Inquisição por sua conta.

Mas esta violência mascara mal 3 grandes doenças da religiosidade, a religiosidade pode adoecer fortemente: pode ser fundamentalista, pode ser fanática, pode ser legalista ...

O que é o fundamentalismo? é a manifestação da falta de fé, o fundamentalista é fundamentalista porque não tem fé, porque os seus pontos de segurança são o dogma, a letra da lei, a opinião da maioria, aquilo que dá segurança, portanto acredita na segurança que isso lhe dá mas ... não acredita no amor. ...

Mas é verdade, o fundamentalismo é falta de fé, o fanatismo é falta de esperança, o legalismo é falta de amor, embora pareça o contrário, são as doenças de toda a religiosidade, de todas as religiões, o fundamentalista não tem fé, o fanático não tem esperança, por isso mesmo se torna fanático, perdeu a esperança no futuro, no diálogo, no outro, portanto como não vai a bem nem de maneira nenhuma, ... vai à força, também não vai, é expressão cabal da falta de esperança, que absolutiza tudo menos a esperança, não tem paciência, tem que ir a bomba porque não vai falando, não vai criando discutindo, não vai morrendo, vai matando.

Temos um mundo muito fanatizado, do ponto de vista cultural, porque facilmente ensina a matar mas não a morrer, é a grande questão ética do nosso mundo, o grande principio ético da promoção da vida mais humana é ensinar a morrer, morrer bem, o nosso mundo ensina a matar, e tem um horror enorme a morte, e não quer falar da morte, isto é a desestruturação do humano, o lógico do humano seria perceber o nosso caminho, e vivê-lo, trabalhá-lo, prepará-lo.

O fanático mata, mata as relações, o sentido das coisas, a conversa, mata a esperança, ... e há muitos fanatismos, de todas as cores, de todas as religiosidades, de muitos credos, por isso é uma doença muito perigosa, e por isso mesmo dialogar

quando há tendências pró fundamentalistas e pró fanáticas já não é possível, o fanatismo é um engano sagrado, é sacralizar o que não é sagrado.

O legalismo, é exactamente a substituição do amor pela lei, o legalista não ama, e põe a lei à frente da pessoa, é tão claro com Jesus, deriva dos fariseus, os piedosos que se queriam distinguir do paganismo dando valor à Torah, mas ... passado pouco tempo a lei e a letra começa a ser lida, e relida, e decorada, e relida outra vez, até á exaustão, da releitura a horas certas, em momentos certos, virados para sítios certos, valendo por ela própria, em desfavor da pessoa.

E a novidade de Jesus foi exactamente não ter lei nenhuma, nem mandamento nenhum, mas o outro no horizonte, o outro que me obriga a transcender-me, a ser religioso, a religar-me.

O diálogo da fé e da justiça morrem às portas do fundamentalismo, do fanatismo e do legalismo. Por outro lado, eles não podem avançar senão numa verdadeira interculturalidade, no verdadeiro conhecimento dos outros, das suas origens, das suas linguagens, dos seus sentimentos, das suas relações.

A onda hoje, no ocidente, é legalista, discutimos o amor e a atenção à pessoa por leis, por tratados, decretos, obrigações, com referendo ou sem referendo, acima do amor, ... isto é perigoso, deixam de ser as leis ao serviço da pessoa mas a pessoa a meter-se na camisa de forças da lei.

E o mistério da encarnação ...

Com isto queria terminar.

No ponto 6, há que encontrar, com esta ética, da qual dei alguns princípios, algo que apareceu no *power-point*, uma espiritualidade do diálogo, experiência de que o Graal tem uma prática bastante vivencial, como se viu aqui. Espiritualidade do diálogo tem como paradigma a encarnação, a ligação do divino e do humano, que há muitas ... para além da consciência de Cristo ligam mal o vertical e o horizontal. Esta espiritualidade do diálogo devia assentar num tripé, um equilíbrio contínuo entre o vertical e o horizontal, equilíbrio sempre descoberto entre o horizontal, o outro, a justiça, o trabalho, e a promoção do outro, e o vertical, a experiência da graça e da transcendência, dos valores absolutos ... Porque qualquer desfasamento destes 2 vectores dá da uma deformação profunda e é muito frequente, na nossa experiência ou vendermo-nos a um horizontalismo cheios de força ou refugiarmo-nos num verticalismo sacralizado que me impede a comunicação.

O horizontalismo não percebe por que é que está a lutar porque lhe falta o fundamento. O verticalismo não dá saída ao seu fundamento, entope o sistema ...

Qualquer espiritualidade deveria saber ligar bem estas duas coisas.

Como é fácil nas nossas culturas pensar que uma pode matar a outra, por razões de eficácia, razões de pragmatismo. São deuses do nosso mundo, temos um panteão cheio de deuses, somos supersticiosos, falamos com qualquer que se diga ateu e a gente encontra um panteão de absolutos.

Outro termo seria a coragem, S. Paulo, a pasesia na construção da justiça, como prioridade. Porque é fácil ter desculpas, não dá, já foi tudo experimentado, o mundo está cada vez pior, não vale a pena, afinal a justiça não leva a lado nenhum, um faz outro desfaz, ... esta onda das desculpas que arranjamos.

E a 3ª dimensão desta espiritualidade seria a paciência, extremamente importante. Importante para o diálogo, descobrir, acertar, respeitar o ritmo do outro, da história, e da vida, não dar saltos, o que não significa pactuar, ficar para trás. É a virtude muito sábia de perceber que leva tempo, não querer acelerar a história,

uma coisa é antecipar a História outra acelerar a História ... **P.e Gonzalez ???...** , que admiro muito, ... num livro pequeno, recente, que se chama “*ao 3º dia ressuscitou*”, ele diz “*a esperança é a virtude da antecipação*”, e está escrito no convite, esperança é começar a fazer hoje aquilo onde quero chegar, isto não é impaciência... é o verdadeiro conceito de paciência, que não é a expectativa, é pacientemente construir a estátua, ... a paciência do artista.
Paciência, coragem, equilíbrio. Estas três coisas ...
E mais ou menos terminei!

Há um ponto 7 – vou ler um texto que é a explicitação destes três últimos pontos. É um resumo que fiz após conversa com o tal Sr. Abdul, muçulmano que referi, que anda nestas conferências/discussões sobre o Islão.
..... **fim da transcrição ..**

(Entrará aqui o texto final que o P.e Vasco tinha escrito)